Ano X — Lisboa, Janeiro de 1954 — N.º 105

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Trav. de Vitorino de Freitas, 9
AJUDA — LISBOA
TELEFONES
Red. 36607 — Admin. 38849

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

NÚMERO AVULSO 1$50

Assinaturas { De 12 números 18$00 / De 6 números 9$00

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

COMP. E IMP. OTTOSGRÁFICA, LTD. / C. BARÃO, 50 ● PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA (EM ORGANIZAÇÃO)

ANO NOVO — OS MESMOS PROJECTOS?

Entrámos num Novo Ano. Uma vez mais se repetiram as velhas afirmações de Vida Nova, com novos projectos, novos planos, novas promessas enfim, que, por serem iguais àquelas que se fizeram no princípio de outros anos, só são novas por nunca terem sido cumpridas. Apesar de todas as promessas, o facto é que o mundo segue sempre o mesmo caminho, sem que os homens parem um instante a meditar nos erros cometidos, para que conscienciosamente possam dar às suas vidas uma orientação nova e diferente.

E' que geralmente contentamo-nos com a repetição material das festas e cerimónias tradicionais, seguimos fielmente os hábitos da terra, sem um momento sequer cogitarmos da razão do nosso procedimento ou do possível significado dos nossos actos. É assim que, apesar dos inconvenientes e perigos de toda a ordem, assistimos sempre na passagem do ano ao gesto tradicional de arremessar pela janela cacos e coisas velhas e inúteis acumuladas durante tempo, para que tudo seja novo no ano que entra. Despojam-se de muita coisa inútil, mas conservam no seu coração todos os sentimentos velhos, todos os vícios, toda a malícia, sem meditarem em que uma vida nova só é possível com um coração renovado.

Não devemos ser assim nós, escoteiros. Procuremos ter uma mentalidade esclarecida e, neste princípio de ano, assumir uma atitude semelhante à do comerciante avisado. Antes de lançarmos planos, procuremos primeiro fazer uma análise da nossa vida no ano que findou. Organizemos o inventário de toda a nossa actividade, boas acções, más acções, activo e passivo da nossa existência. Dado o balanço, a consciência acusa-nos de que errámos muitas vezes, nem sempre fomos fiéis ao nosso Compromisso de Honra, a Lei do Escoteiro ficou muitas vezes esquecida, embora talvez cuidadosamente colocada na cabeceira da nossa cama, mas longe do coração.

Conhecedores já dos erros passados, podemos então fazer projectos de Vida Nova para 1954, num novo sentido da nossa actividade. Nós, escoteiros, precisamos de adquirir a consciência da nossa responsabilidade perante a sociedade em que vivemos. Afirmamos pertencer a uma organização de escol, cujos membros se regem por princípios e ideais elevados, cuja finalidade é a formação de personalidades fortes, de homens de carácter, de alto espírito cívico. Que estamos fazendo para que esta nossa promessa seja uma realidade? Acaso o nosso Movimento se encontra à altura das suas finalidades?

Cada um, neste princípio de ano, examine a sua consciência e responda de harmonia com ela. Que os nossos projectos deste ano, sejam feitos com decisão escoteira de os transformar em realidades operosas, para que no balanço que fizermos no fim de 1954, não tenhamos de reconhecer que nos limitámos à vã repetição dos projectos de sempre, e que continuámos numa vida velha, inútil para nós e para o nosso semelhante, escoteiros de fachada, com belas virtudes no decálogo do Fundador, mas com o coração cheio de sentimentos baixos.

Ano Novo e Vida Nova para todos nós. Que o nosso Ideal escoteiro de serviço encha as nossas vidas e o Escotismo possa afirmar na Terra Portuguesa a vitalidade das suas concepções e a virtude da sua acção, impulsionando muitos jovens para uma vida mais sã, oferecendo a Portugal gente nova capaz de assumir responsabilidades e rasgar horizontes de progresso, de paz e felicidade para todos os Portugueses.

IX ANOS

O «Sempre Pronto», este modesto mensário que o leitor tem em suas mãos, há nove anos que regularmente vem a lume e entra, com o presente número, no décimo ano de publicação. Embora se trate de um pequeno jornal, acredite o leitor que é necessária muita perseverança, deixe-nos dizer teimosia, para através de tantas dificuldades persistir em escrever, em lançar a público estas páginas onde palpitam anseios, se esboçam doutrinas, ideais, coisas de gente nova. O Escotismo é o ponto central do nosso programa, mas não deixamos de arquivar outras ideias que à mocidade interessam.

Estamos alegres pelo êxito do jornal, sobretudo porque reconhecemos que o «Sempre Pronto» vive, prossegue vitoriosamente a sua carreira, por ser essa a vontade dos seus leitores. E precisamos de afirmar aos estéreis que um jornal só pode viver se os seus leitores o quiserem e que sem leitores não há jornais.

Porque reconhecemos este apoio, porque sentimos a colaboração de tantos amigos dedicados, somos sempre encorajados a prosseguir, a vencer as dificuldades, a esforçar-nos por corresponder, cada vez melhor, à amizade e compreensão de todos. Mau grado o nosso esforço, o «Sempre Pronto» está longe de ser aquilo que os nossos leitores mereciam e nós desejávamos. Procuraremos, no entanto, fazer melhor e continuamos a contar e a esperar a cooperação de todos os nossos amigos.

Os parabéns pelo nosso aniversário vão, portanto, para quem os merece: os nossos assinantes e leitores, os nossos colaboradores, correspondentes e agentes, para quem vai também a expressão sincera do nosso muito reconhecimento, com votos de que o ano de 1954 seja próspero e venturoso para todos.



3 — PARA SER ESCOTEIRO, por *Francisco Floriano de Paula*. 2.ª edição revista e actualizada. Editora Escoteira da U. E. B. 1953. 140 págs. ilustr.

O Brasil, força é confessá-lo, encontra-se melhor provido de livros escotistas do que Portugal, o que, cremos nós, resulta mais do interesse de dirigentes e dirigidos, do que pròpriamente da abundância de recursos. Efectivamente, se no nosso país entre os Escoteiros houvesse grande interesse em adquirir cultura especializada e orgulho em se possuir obras de autores portugueses, as obras escotistas apareceriam, pois felizmente não faltam os que revelam capacidade para lançarem mãos à confecção de manuais capazes de substituírem os livros ingleses e franceses, por que, aliás, os nossos rapazes de hoje (ao contrário dos de há 30 anos), nenhum interesse revelam.

O livro que tenho presente, e que se deve a um dos mais ilustres Chefes do Movimento Escotista brasileiro, apresenta-se de forma distinta, quer do ponto de vista gráfico (com bela capa de belo desenho, em que avulta um Escoteiro ladeado, em segundo e terceiro plano, pelos precursores, respectivamente o Bandeirante e o Índio), quer do técnico. Nele se compendiam, em linguagem clara e simples, como convém, todas as noções necessárias aos noviços e aos Escoteiros de 2.ª classe, com abundância de desenhos excelentes, integrados no texto ou em folha completa, por forma que o leitor fique perfeitamente elucidado quanto às diferentes matérias que tem de estudar: nós, Morse, primeiros socorros, aplicações da vara, saudações, orientação, fogos, homógrafo, etc., compreendendo ainda a música de alguns hinos e canções escotistas, cuja letra é dada no texto.

Abre o volume — que é dedicado à memória de três jovens escoteiros mortos há anos em desastre — com uma breve história do Escotismo, a biografia de B.-P., a exposição das características mundiais do Escotismo e outras indicações relativas à projecção do Movimento no Mundo.

É caso para felicitar a UEB por possuir um manual de tão distinta apresentação, que, revela-o a sua 2.ª edição, tem já largo público entusiasta. Faço votos por que os nossos Escoteiros se decidam — enfim! — a contribuir, com o seu interesse, para um futuro Manual do Escoteiro Português.

O Rato Sábio

N. da R. — Nesta secção serão feitas críticas das obras de qualquer natureza de que nos sejam enviados pelo menos dois exemplares.

«Devemos ser tolerantes»... mas não subservientes

Attlee, antigo chefe do governo britânico, dirigindo-se recentemente a uma reunião de jovens de diferentes países, num discurso que lhes dedicou, disse: «Não vos sintais desencorajados por verificar divergências de opinião dentro dos movimentos de juventude. É preciso que elas existam. Devemos ser tolerantes. Isto não significa que os membros de um movimento se devem prostrar e adorar as ideias dos seus camaradas. Mas devem diligenciar compreendê-las».

Excelente conselho este que a mocidade deve escutar. Se a intolerância é atitude imprópria de um espírito esclarecido e generoso, a subserviência perante as opiniões alheias, particularmente a hipócrita subordinação às convicções daqueles que estão em posição de destaque ou a condescendência perante a influência da maioria é atitude miserável.

Estendamos os nossos braços de amizade compreensivamente para todos os nossos companheiros, mas busquemos diligentemente a Verdade e só a Verdade.

PUBLICAÇÕES

«OLIVENÇA»

O patriótico «Grupo dos Amigos de Olivença», que se empenha na justa tarefa de lutar pela restituição a Portugal daquela parcela de território alentejano e nacional, publicou o n.º 1, referente a Dezembro passado, do seu Boletim Privativo. Este, que se apresenta com aspecto gráfico muito bom, insere documentação de grande valor histórico sobre o problema de Olivença, gravuras de aspectos e monumentos da fiel Vila, que, através de tudo, permanece portuguesa, e o último artigo do grande e saudoso historiador Prof. Queirós Veloso, que foi presidente do Grupo.

Agradecemos o exemplar que nos foi enviado, felicitando os seus Directores por mais este êxito da sua devotada acção.

Este número foi visado pela Comissão de Censura.

ALPINISMO E MONTANHISMO

O conhecido e apreciado jornalista desportivo sr. Neves Reis, publicou no Boletim da Sociedade de Língua Portuguesa, um artigo subordinado ao título acima, em que procura fazer a destrinça entre *alpinismo* e *montanhismo*. Preconiza o emprego desta última palavra para denominar o desporto de escalar as montanhas, especialmente quando essa prática é feita para cá da raia, isto porque lhe repugna o emprego de *alpinismo*, visto este vocábulo derivar de Alpes e ter sido usado, primitivamente, para designar o gosto das excursões a essas montanhas da Europa Central.

Em nossa modesta opinião, o emprego de *alpinismo* para denominar a ascensão de qualquer montanha elevada é absolutamente defensável. O fenómeno de generalização está amplamente justificado por outros casos semelhantes na nossa língua. Hoje ninguém hesita em chamar jornal a qualquer periódico, mesmo que não seja diário, ou vapor à mais moderna embarcação, accionada por poderosas máquinas de gasóleo, assim como é vulgar ouvir-se que Fulano vai a cavalo num burro... Embora algumas destas formas não sejam muito recomendáveis, outras há que são unânimemente aceitas, como *pena*, *pluma*, *estilo*, etc..

A sugestão de tornar *montanhismo* sinónimo de *alpinismo* tem ainda outras razões a contrariá-la. É que os dois termos não denominam o mesmo desporto. *Alpinismo* é o desporto praticado pelos que se dedicam, única e simplesmente, à escalada das montanhas, por mor da emoção das alturas, e *montanhismo* é a actividade dos que fazem a vida aventurosa das montanhas, caminhando e acampando, em busca de novos horizontes e de um contacto mais íntimo com a natureza. Aos exploradores que há pouco adregaram atingir as cumeadas do Everest, ninguém ousará designar por *montanheiros*, mas sim *alpinistas*, apesar das suas aventuras terem por teatro as longínquas paragens do Oriente. Também a adopção de *montanhismo* relacionado com o desporto praticado aquém-fronteiras, não faria sentido. Se a modalidade é a mesma, porquê a diferenciação?

Portanto, é nossa opinião que se continue a usar *alpinismo* ou *montanhismo* consoante o género de desporto a que nos estejamos a referir, pondo de parte excessivos escrúpulos, que, afinal, nada têm de ver com a defesa do Idioma que tanto prezamos.

O Grupo 6 em acção

O Bivaque-Surpresa

O Grupo n.º 6, de Olhão, continua em plena actividade, a qual poderia tornar-se uma inspiração para aquelas unidades que se encontram em completa letargia, negação absoluta do sistema educativo concebido por B. — P.

Assim, em meados de Novembro último, levou este Grupo a cabo um interessante exercício em que tomaram parte as patrulhas *Galo*, *Castor*, *Andorinha* e *Aguia*, o qual consistia numa espécie de bivaque-surpresa volante.

Ao saírem da sede, o chefe entregou a direcção do Grupo ao guia da patrulha *Galo* e, como a marcha era de facto à aventura, o percurso foi dividido em várias etapas, cada uma das quais era chefiada por um dos guias das patrulhas, que conduziam o Grupo para onde melhor lhes parecia. Quando os escoteiros chegavam a locais propícios ao desenvolvimento de actividades que o chefe tinha em mente, mas que os outros escoteiros desconheciam, aquele mandava fazer alto, retirando o comando do Grupo ao guia que então o chefiava.

Na primeira paragem, o chefe reuniu o grupo e comunicou-lhe que nas proximidades tinha caído, ainda não há muito tempo, um avião. Tornava-se, pois, necessário procurar os possíveis feridos e trazê-los para aquele local onde receberiam os primeiros socorros que o seu estado aconselhasse. Antes, porém, cada patrulha montou uma tenda improvisada com panos de chão que cada uma levava, a qual iria servir como posto de socorros de emergência, junto de cada qual ficou um escoteiro apto a receber mensagens por homógrafo e outro em condições de tratar os «feridos». Cada patrulha era obrigada a dispor de dois maqueiros, um dos quais com conhecimentos eficientes de homógrafo.

Os escoteiros restantes foram espalhados pelas redondezas, a fazer de «feridos», escondidos e com um papel preso à camisa explicando a sorte de ferimento que haviam sofrido, como, por exemplo, coxa direita fracturada, choque nervoso, hemorragia arterial em tal parte do corpo, etc..

O local onde se encontravam era uma pequena elevação, boa para transmissões e recepções por homógrafo. Armadas as tendas, os maqueiros partiram em busca dos «feridos». Logo que encontravam algum, dirigiam-se para local apropriado para transmitir para a «base» que género de acidente o «ferido» apresentava. Cada patrulha tinha o seu sinal de reconhecimento, para que os escoteiros encarregados das recepções soubessem quem transmitia, porque só poderiam tomar conta das transmissões feitas pelos da sua própria patrulha. Após a transmissão, os maqueiros improvisavam a maca com as varas e espias e traziam os «feridos» para o posto de socorros da sua patrulha, onde eram tratados, sob a vigilância do chefe e do instrutor do grupo. E os resultados foram os seguintes: a patrulha que mais «feridos» transportou foi a *Andorinha*, mas foi a que domonstrou menores conhecimentos nos socorros prestados, aspecto em que se distinguiu a *Aguia*.

Depois do acampamento levantado, prosseguiu-se a marcha, agora debaixo da orientação de outra patrulha. Assim, parando de vez em quando e mudando a chefia, foi-se pondo em prática outros pontos de técnica escotista.

Por fim, os escoteiros do «6» chegaram a Estói, onde o chefe tomou novamente a direcção do grupo, levando os escoteiros até às ruínas do balneário da antiga cidade romana de Ossónoba, diante das quais fez uma pequena dissertação sobre o valor histórico daqueles restos da cidade, chamando a atenção dos rapazes para os mosaicos que lá existem, formados por pequenos bocados de pedras coloridas, em desenhos interessantes e caprichosos.

Finda a visita, o grupo desceu à ribeira do Coiro da Burra e, a montante da ponte sobre aquele curso de água, o chefe avisou o grupo de que um grande temporal se avizinhava vindo de SO, sendo preciso, portanto, armar o bivaque o mais perfeita e ràpidamente possível.

A patrulha que melhor se conduziu nesta emergência foi novamente a *Aguia*, seguida da *Galo*, da *Andorinha* e da *Castor*.

Seguiu-se o almoço, após o qual o chefe reuniu o grupo e disse aos escoteiros que deviam supor encontrar-se em região desconhecida. Os indígenas não compreendiam a língua deles, mas era necessário pedir-lhes autorização para acampar e informação do local onde poderiam encontrar caça para se alimentarem. Para este exercício foi dado o prazo de 10 minutos às patrulhas para combinarem a forma de resolver o assunto, ao fim do qual cada patrulha teria de mandar um escoteiro junto do chefe explicar o que desejava. O representante da *Andorinha* foi o que melhor se fez entender por meio de mímica.

O chefe voltou a informar as patrulhas de que o chefe indígena só autorizaria o acampamento e a caça no seu território se lhe fizessem presentes interessantes. Para isso, as patrulhas teriam de confeccionar, com o material encontrado no local, um presente digno do chefe indígena, no espaço de 45 minutos. A patrulha *Andoriuha* voltou a demonstrar que era a que melhor sabia lidar com indígenas, conseguindo o melhor presente. Mas o chefe indígena é que ainda não ficou satisfeito e exigiu que cada patrulha improvisasse uma representação (bailado, imitação, etc.), que o fizesse rir. Para levarem a cabo esse trabalho, foi-lhes dado o prazo de meia hora. Desta vez, voltou a *Aguia* a distinguir-se, desempenhando o melhor papel.

Ao fim deste interessante número, o exercício foi dado por terminado e as patrulhas voltaram à sede, depois de um dia de actividades puramente escotistas.

• • o • •

Dos amigos do "Sempre Pronto"

Doentes — Encontra-se doente e internado no Hospital de Santa Marta, o nosso caro amigo sr. José Marques Serrano, chefe do Grupo 40 de Setúbal. Fazemos votos sinceros pelas suas melhoras e breve regresso ao seu lar.

● Foi recentemente operado à apendecite com o melhor êxito, o nosso estimado assinante sr. Reganha Pereira, subchefe do Grupo 85. Desejamos-lhe um restabelecimento completo.

Nascimento — O nosso estimado amigo e assinante sr. Ernesto Leitão, em Lourenço Marques, foi presenteado por sua Esposa com o seu primeiro herdeiro, a quem desejamos as maiores venturas, felicitando os seus pais, bem como o seu avô, o nosso companheiro de redacção, Faustino Leitão.

• • o • •

ARTHUR E. PALTRIDGE

Esteve de visita ao nosso país e deu-nos o prazer de sua visita à nossa redacção, o Escoteiro-Chefe Arthur E. Paltridge, chefe do grupo da Associação Botucaris, de Passo Fundo, no Estado de Rio Grande do Sul no Brasil.

Durante a semana, que passou entre nós, visitou os grupos 10, 53 e 94, a sede da A. E. P., levando uma boa impressão do nosso país, tendo seguido para Espanha.

O chefe Paltridge que esteve no Brasil a estudar, regressa à sua pátria, Estados Unidos da América, onde é membro do Grupo n.º 10, de Kalamazoo, Michigan.

Agradecemos a sua visita e desejamos-lhe feliz viagem.

Regulamento Geral da A. E. P.

Com insistência, estão chegando à nossa Redacção pedidos de informação acerca do Regulamento Geral da A. E. P., aprovado na Conferência de Dirigentes, de Dezembro do ano passado, cuja redacção definitiva foi entregue a uma Comissão, trabalho que deveria estar terminado no prazo de seis meses. (Vide «Sempre Pronto» n.º 93, resolução B. da Conferência).

Queremos informar os nossos leitores que ignoramos completamente o que se passa com o referido regulamento. Sabemos apenas que a Comissão eleita na C. D. nunca reuniu, mas não conhecemos as razões.

As únicas informações que vêm à público são propaladas por membros da Comissão Técnica de Escotismo, que declaram constantemente, não sabemos com que autoridade, que a Conferência de Dirigentes foi ilegal e que, portanto, não há que acatar as suas deliberações.

Supomos, porém, que se tratam de opiniões pessoais e que semelhante parecer é alheio à Direcção Central, tanto mais que, a partir de tal princípio, seríamos levados a conclusões gravíssimas para o Movimento.

Parece-nos que deveremos esperar com paciência as resoluções da Direcção Central, sem dar ouvidos ao que elementos sem responsabilidade possam afirmar.

• • o • •

Juventude e Cultura

Um grupo de trabalho de peritos de organizações da juventude, reuniu-se na Unesco de 4 a 7 de Novembro passado. Tomaram parte nesses trabalhos 17 representantes das diferentes organizações de juventude: Repartição Mundial das Guias e Escoteiras, Juventude Operária Cristã e a WAY (Assembleia Mundial da Juventude).

João Thomas, director do departamento de actividades culturais, expôs os projectos dos seus serviços relacionados com a juventude e os movimentos da juventude. A discussão que se seguiu, mostrou que estas são as formas contemporâneas da cultura que interessam aos jovens e que é inútil querer-lhes impor uma cultura antiga. As trocas de pareceres fizeram realçar o facto de que um grande público será mais beneficiado por uma cultura de um nível elevado do que por uma cultura que vise muito baixo.

Duas comissões: estudantes e jovens trabalhadores, estudaram o lugar que ocupam as actividades culturais, em particular teatro, música, cinema, no programa das organizações da mocidade.

Foi consagrada uma reunião para examinar qual a ajuda que a Unesco poderá levar às conferências e estágios de estudos das organizações de juventude. O grupo sugeriu que a Unesco envie conferencistas a estas reuniões, como foi feito no ano findo. — WAY.

• • o • •

Em folha anexa a este número do nosso jornal, são publicadas as págs. 33 a 40 do livro «Sempre Pronto», Provas da 2.ª classe.

Coronel Bento Esteves Roma

Ainda na pujança da vida, com uma folha de serviços altamente distintos prestados ao País nas lutas armadas da Primeira Grande Guerra, em defesa da integridade territorial de Portugal e da honra da Pátria, o coronel Bento Roma foi mandado prestar serviço no Instituto de Odivelas, em vez de se confiar à sua competência e à sua fidelidade de português de lei o comando duma unidade do nosso Exército que ele tanto prestigiou e enalteceu.

Se bem que a formação intelectual deste militar, de rija têmpera, não fosse afeiçoada ao exercício da função educativa da mocidade escolar, contudo, a sua actuação, dentro daquele estabelecimento de ensino, foi notável pelo elevado expoente de simpatia, admiração e respeito que despertou no espírito juvenil e curioso das suas educandas.

É que o coronel Bento Roma não precisava de embrenhar-se nos segredos dos processos de educação de Pestalozzi ou de Froebel, para formar o carácter ou fundir o espírito das suas jovens pupilas nos moldes da honra, da liberdade e da justiça, porque todos os actos da sua vida interna e externa se pactuavam por esta triologia de melhor conduta humana.

No seu convívio familiar, nas suas relações de amizade, no exercício do seu cargo, no cumprimento dos seus deveres profissionais, o coronel Bento Roma irradiava normas inflexíveis de conduta social que, se se generalizassem, tornariam a sociedade mais perfeita, mais sã e mais progressiva.

Para manter uma disciplina compreensiva e racional, nas fileiras do Exército, o coronel Bento Roma não recorria a métodos despóticos de intimidação ou represália, porque os jovens soldados depressa se educavam nos exemplos de altivez de carácter, de docilidade de trato, de firmeza de atitudes e de enérgica decisão que o seu superior, nos contactos de serviço, lhes infundia gostosamente.

Mas, era em campanha, nas malhas mais apertadas do perigo de morte, que a admirável compleixão psíquica do coronel Bento Roma mais fazia sentir a sua acção electrizante na condução dos seus subordinados em combate.

A sua fleumática placidez de espírito mantinha-se inalterável, quer fossem as balas a roçar-lhe o capacete de aço, quer o rebentar das granadas lhe salpicasse a farda de lama, o heróico defensor de Lacouture nunca evidenciava o mais ligeiro gesto de medo ou de hesitação.

Deste modo, os combatentes que estavam vinculados ao seu comando, débil que fosse o ânimo que os impulsionava na luta, não deixavam de cumprir e seguir as ordens do chefe, por mais absurdas e perigosas que lhes parecessem.

E foi este sentimento de admiração, de respeito e de amizade que todos os componentes do Batalhão 13, em França, nutriam pelo então capitão Bento Roma, que manteve esta unidade, apesar de depauperada física e moralmente, devido à longa permanência nas trincheiras, disciplinada e apta para o combate que sustentara, bravamente, na defesa do reduto de Lacouture, no dia 9 de Abril de 1918

Contudo, e o mundo é assim mesmo, ainda há pouco foi a enterrar, nas sombras eternas do túmulo, a austera e nobre figura deste bravo militar e ínclito cidadão cuja vida é um manancial inesgotável de exemplos de firmeza de carácter, de lances heróicos e de rectidão de consciência, que ficarão a iluminar a estrada do porvir por onde a mocidade, em demanda dum futuro melhor, marchará ao ritmo das qualidades e virtudes deste Grande Português.

DR. SÁ VIEIRA

O que é um rapaz?

Os rapazes vêm em tamanhos, pesos e cores sortidas. Encontram-se onde quisermos: em cima, em baixo, dentro, trepando, pendurando-se, correndo, saltando. As mamãs adoram-nos, as pequenitas odeiam-nos, as irmãs e os irmãos mais velhos toleram-nos, os adultos desconhecem-nos e o céu protege-os. Um rapaz é a Verdade com a cara suja, a Sabedoria com o cabelo desgrenhado, a *Esperança* do futuro com uma rã no bolso.



Um rapaz tem um apetite de cavalo, a digestão de um «traga espadas», a energia de uma bomba atómica, a curiosidade de um gato, os pulmões de um ditador, a imaginação de um Júlio Verne, a timidez de uma violeta, a audácia de uma ratoeira de aço, o entusiasmo de um triquitraque, e quando faz alguma coisa tem cinco polegares em cada mão.

Encantam-no os doces, as navalhas, as serras, o Natal, os livros com bonecos, o miúdo dos vizinhos, o campo, a água (no seu estado natural), os animais grandes, o papá, os comboios, os domingos pela manhã e as bombas de incêndio. Desagradam-lhe as visitas, a doutrina, a escola, os livros sem bonecos, as lições de música, as gravatas, os barbeiros, as raparigas, os sobretudos, os adultos e a hora de se deitar.

Ninguém mais se levanta tão cedo, nem se senta para comer tão tarde. Ninguém é capaz, como ele, de encafuar no bolso, um apara-lápis oxidado, uma fruta mordida, meio metro de cordel, um saquito de chita vazio, dois caramelos, um tostão, uma funda, um pedaço de substância desconhecida e uma autêntica argola supersónica de chaves com um compartimento secreto.

Um rapaz é uma criatura mágica. Você pode fechar-lhe a porta onde guarda as ferramentas, porém, não pode fechar-lhe a porta do seu coração. Pode expulsá-lo do seu escritório, não pode, porém, expulsá-lo da sua mente. Todo o seu poderio se rende ante ele, é seu carcereiro, seu chefe, seu amo... Ele, um malhito, de ruídos caprichosos! Porém quando Você chega a casa pela noite, com as suas esperanças e suas ambições feitas em pedaços, só ele pode remediar tudo com duas palavras mágicas: — «Olá, papàzito!».

Do «Boletin Scout de las Americas» — Nov. 1953.

Edições «Sempre Pronto»

Para ser Escoteiro, provas de 3.ª classe:

Para escoteiros ..... 3$00
Para outros ..... 4$00

O Dr. William Shaw, pioneiro do escotismo coreano, faz interessantes declarações ao «Sempre Pronto»

No princípio do passado mês de Dezembro, chegou a Lisboa o sr. dr. William Shaw, missionário da Igreja Metodista Americana, uma Igreja que conta 10 milhões de membros e 1.400 missionários no estrangeiro, 30 dos quais na Coreia, dos 118 que havia em 1940, antes da guerra com o Japão.

O dr. Shaw foi para a Coreia em 1921, fixando a residência em Pyongyang. O seu primeiro trabalho foi aprender a língua, ao fim do qual se dedicou ao trabalho de pregação. Em 1941, saiu da Coreia em virtude da guerra com o Japão. Em 1945, o dr. Shaw foi para as Filipinas, onde esteve ano e meio, aguardando a oportunidade de voltar à Coreia, o que fez em 1947. Como a cidade de Pyongyang estava na zona comunista, estabeleceu a sua residência em Seul. Em 1950 foi evacuado para o Japão por causa da nova guerra, mas voltou para o campo de batalha, como capelão do exército americano, no posto de tenente-coronel. Por serviços distintos, o Governo americano condecorou-o com a «Estrela de Bronze». Já na guerra de 1914 tinha sido condecorado com a «Estrela de Prata» por heroísmo em acção.

O dr. Shaw, que se faz acompanhar de sua esposa, Mrs. Adeline Shaw, está de visita a sua filha, sr.ª D. Roberta Wright, esposa do nosso estimado amigo e assinante dr. Latham Wright, antigo escoteiro chefe no Brasil, e não teve dúvida em pôr-se à nossa disposição para fornecer algumas informações sobre o Escotismo e a juventude daquela martirizada península asiática.

À nossa pergunta se havia escotismo na Coreia, o dr. Shaw responde:

— Sim, desde 1922, para os americanos, e desde 1925, para os coreanos e residentes no país.

E explica-nos:

— Mais ou menos 6 semanas depois de ter chegado a Pyongyang, fui procurado pelos 8 rapazes americanos que então frequentavam a escola missionária, cuja idade andava pelos 12 anos, que me perguntaram se estava disposto a fundar com eles um agrupamento de escoteiros. A minha resposta foi tão pronta que eles ficaram admirados. Eu conhecia já o Escotismo, visto ter trabalhado durante dez anos com a juventude dos Estados Unidos e, neste período, haver contribuído para a fundação de vários clubes de juventude e ter sido director de uma organização escotista, além de que os meus contactos com o Escotismo, datavam já de 1910, na cidade de Toronto, no Canadá.

«Iniciámos o grupo, com grande alegria dos rapazes e de seus pais. Desse primeiro grupo, hoje um é missionário na Índia, outro no Japão, dois são pregadores dos Estados Unidos, um outro esteve doze anos na Coreia e dez anos na Colômbia, tendo regressado agora à Coreia; um é capitão no exército americano, tendo trabalhado no *Intelligente Service*. Menciono isto, para mostrar que o Escotismo é um método de formação de dirigentes para a Nação e para a Igreja.

E o nosso entrevistado continua:

— Desde 1922 a 1940, ano em que os missionários tiveram de sair da Coreia, passaram 150 escoteiros americanos por este grupo. Devo acrescentar que a Coreia esteve, durante este tempo, sob a ocupação japonesa, e os nipónicos tinham uma polícia muito bem montada que olhava sempre com certa suspeita o trabalho dos escoteiros, dizendo que estes pareciam pequeno soldados americanos e que marchavam como soldados. Claro que não tínhamos armas e só usávamos o nosso equipamento escotista. Mas ainda com muito maior desconfiança olhavam a organização coreana.

Como nasceu o Escotismo na Coreia

Era o momento propício para fazermos nova pergunta:

— E como começou o Escotismo coreano?

— Um jovem estudante coreano, chamado Min-Soo-Pai, do Seminário Presbiteriano de Pyongyang, procurou-me e manifestou-me a sua admiração pelo Escotismo, dizendo que também estava a pensar na organização de um grupo para coreanos. Este rapaz ficou algum tempo comigo a observar os trabalhos do meu grupo que, devo dizê-lo, era uma unidade muito activa, passando muito tempo ao ar livre e pouco tempo na sede. A nossa divisa era igual à americana «*Be prepared*», isto é, estar preparado para tudo: salvar vidas, acudir a incêndios, prestar os primeiros socorros, improvisar macas e conduzir feridos. Algumas vezes aconteceu estarmos a dar instrução e eclodirem fogos na cidade, o que nos dava oportunidade de pôr em prática o que acabávamos de aprender.

«Min-Soo-Pai formou o seu grupo, a que muitos outros se seguiram, constituídos por nativos. Pouco tempo depois fui convidado para ser do júri de um acampamento em que tomaram parte todos os grupos da cidade, os quais apresentaram interessantes trabalhos de cozinha, pontes e outros, e executaram exercícios de maqueiros, com muita perícia. Dali em diante não tive oportunidade de estar novamente em contacto com os escoteiros coreanos, mas observei sempre a sua actividade. Hoje em todas as grandes cidades coreanas há grupos de escoteiros. O movimento foi primeiro organizado na Coreia do Norte e, depois, desenvolveu-se em todo o país. Porém, hoje duvido de que o movimento tenha subsistido ali.

Arriscámos nova pergunta:

— E são muitos os escoteiros coreanos?

— Não tenho elementos para responder, mas posso fazer uma estimativa. Calculo que haja na Coreia do Sul um mínimo de 5.000 e um máximo de 10.000 escoteiros.

«Devo dizer lhe que o Escotismo coreano usa o uniforme e o equipamento tradicionais do Escotismo e a sua divisa é «*Choon-Bihara*» ou seja «Sempre Pronto».

O Escotismo coreano na actualidade

E continuámos no nosso inquérito:

— Desempenharam os escoteiros alguma missão especial durante a guerra?

— O Governo Nacional reconheceu o Escotismo e utilizou os serviços dos escoteiros como auxiliares, particularmente na regularização do trânsito, tanto no motorizado como no de peões. Em 1951 e 1952 todos os homens foram para a guerra, pelo que o serviço de policiamento na área estratégica estava a cargo dos escoteiros. O tráfego mais pesado em cidades como Pusan, era dirigido por eles, e era muito curioso ver um rapaz de pequena estatura a dirigir a intensa circulação de veículos.

«A Coreia de hoje é um país de grandes manifestações, que geralmente são ordeiras e pacíficas, e são os escoteiros que contêm as multidões, mesmo quando estas são muito grandes, como aconteceu com a visita de Eisenhower e Nixon. Estes escoteiros tomam as suas responsabilidades muito a sério, tanto como um adulto, e têm muito orgulho em fazer os serviços com exactidão. Rapazinhos pequenos dão as suas ordens como se fossem fuzileiros navais. A única crítica que tenho ouvido é que existe uma tendência para criar no rapaz o espírito militar, o que não seria conveniente em tempos normais. Hoje, porém, na Coreia não há tempo normal, visto que a própria vida da Nação está em jogo. Estes rapazes estão acostumados a receber ordens e sabem que dentro em breve serão chamados ao serviço militer. Sem dúvida que eles serão soldados dos melhores. É esta a história e a filosofia do Escotismo na Coreia. Desejo ainda afirmar que talvez nenhum outro americano, que tenha estado naquele país, se tenha interessado tanto pelo Escotismo, desde o seu início, como eu.

Como o Cristianismo se manifesta na juventude coreana

Havíamos chegado ao fim do nosso inquérito, porém, tínhamos interesse em saber qual a reacção da juventude coreana em face da crise que a sua Pátria atravessa. O nosso interlocutor não se fez esperar:

— Hoje, na Coreia, nem mesmo os adultos sabem qual vai ser o futuro da Coreia. Os jovens só sabem que serão chamados ao serviço militar e que terão talvez de dar a sua vida pela Pátria. E, em geral, todos estão prontos para esse passo.

Arriscámos ainda outra pergunta:

— E qual a influência do cristianismo na juventude?

— Devo lembrar que nem cinco por cento do país é cristão. No entanto, a juventude e os adultos recebem uma poderosa influência dessa pequena minoria, influência essa desproporcionada ao número. A demonstração cabal da influência da juventude cristã sobre a não cristã, pode ser verificada no facto que vou contar: Fui autorizado pelo presidente cristão Singman Rhee, a formar um grupo de capelães para o exército coreano. Começámos com 38 capelães protestantes e católicos e fomos distribuídos pelas divisões, hospitais e escolas militares onde se formavam pequenos grupos de soldados cristãos, geralmente de 22 a 27 anos. Estes grupos aumentavam constantemente pela adesão de muitos outros soldados. Contribuíam para este progressivo aumento, os próprios comandantes não cristãos que faziam convites aos soldados, reconhecendo o valor da influência do cristianismo na personalidade e moralidade das tropas. O número dos soldados cristãos cresceu tanto que estava quase igual ao de todas as outras crenças. Presentemente temos na Coreia 280 capelães cristãos, trabalhando no exército e na aeronáutica de um país não cristão. Isto não teria sido possível sem o auxílio da juventude cristã. A influência das meninas é, da mesma forma, poderosa. Nas escolas evangélicas, a percentagem começava com 45 e subia para 55 e 60 por cento de meninas cristãs, e, no último ano do curso, chegava a atingir quase cem por cento.

Estávamos realmente admirados pelas curiosas declarações do dr. Shaw. Como a hora já ia adiantada, agradecemos a atenção que nos dispensara e retirámo-nos. Fazemos votos para que uma era mais feliz surja para aquela ensanguentada nação oriental e desejamos ao nosso estimado interlocutor as maiores bênçãos para a sua vida.

E. J.



Dr. Sá Oliveira

No dia 7 do corrente, com 81 anos de idade, faleceu o sr. dr. António Joaquim de Sá Oliveira. A notícia foi muito sentida por milhares de homens, que, na sua juventude, tiveram o privilégio de receber a salutar influência e orientação deste notável pedagogo e educador que, como Reitor do Liceu Pedro Nunes, rasgou horizontes novos ao ensino liceal no nosso país, lançando empreendimentos que foram depois adoptados noutros estabelecimentos de ensino.

Entre aqueles que saudosamente recordam a figura de Sá Oliveira contam-se muitos antigos escoteiros. É que o dedicado Reitor, no desejo de proporcionar aos alunos do seu Liceu todos os estímulos para a formação da sua personalidade, logo no início do Movimento Escoteiro em Portugal, fundou naquele estabelecimento de ensino um grupo de escoteiros, que veio a ser o número 3 da Associação dos Escoteiros de Portugal, de que o dr. Sá Oliveira foi o primeiro presidente, cargo que desempenhou por mais de uma vez, mantendo-se sempre um dedicado admirador do Escotismo.

O dr. Sá Oliveira consagrou toda a sua vida à causa da educação, convivendo constantemente com os alunos, estimulando-os e animando-os nos seus êxitos, amparando-os nos fracassos. A sua dedicação ao Escotismo, era o natural complemento da sua tarefa de educador. Por isso os discursos que, por mais de uma vez, na sua qualidade de presidente da A. E. P., proferiu em actos solenes, constituíam palavras de exaltação e de fé na causa que servia.

O dr. Sá Oliveira era natural do concelho de Ovar, pois nasceu na freguesia de Arada no dia 10 de Abril de 1872. Estudou em S. João da Madeira, passando para o Seminário do Porto, onde tirou os cursos preparatório e teológico. Completou depois o Curso do Liceu, matriculando se a seguir na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, completando o curso em 1899.

Dedicou-se imediatamente ao ensino, exercendo o professorado no Liceu de Coimbra. Em 1902, veio para Lisboa ingressando como professor no Liceu Central e mais tarde no da Lapa, cuja designação foi sucessivamente mudada para Pedro Nunes e Normal de Lisboa, do qual foi Reitor durante mais de 20 anos.

Ocupou diversos cargos em organismos oficiais de educação, foi sócio fundador da Liga de Educação Nacional, da Sociedade de Estudos Pedagógicos, foi director de associações desportivas e colaborou nas reformas do ensino secundário, particularmente de 1905, 1917, 1918 e 1931.

Possuía as seguintes condecorações: Cruz Vermelha, alemã; Legião de Honra, francesa; e a Comenda da Instrução Pública, portuguesa.

Todos os que trabalham no «Sempre Pronto» se curvam respeitosamente perante o Mestre querido que parte, apresentando sentidas condolências a sua viúva, sr.ª D. Laura Maria de Lima Saraiva de Sá Oliveira, a seus filhos sr.as D. Lídia Saraiva de Sá Oliveira Homem de Gouveia, D. Luísa Saraiva de Sá Oliveira Gonçalves Henriques e sr. Rui Saraiva de Sá Oliveira e mais família.

Carlos Augusto Monteiro de Sousa

Em princípios deste mês, faleceu na cidade da Beira, na África Oriental, este nosso estimado amigo e assinante, que se encontrava há bastante tempo doente, sob os cuidados carinhosos de sua esposa e de sua filha, sr.ª D. Maria Teresa Monteiro de Sousa Pereira Jardim.

O sr. Monteiro de Sousa foi dirigente escoteiro dedicado, tendo sido Tesoureiro da Região Centro por altura de 1943 e 1944, época de grande actividade regional. Foi também tesoureiro do Acampamento Regional do Estoril, tendo desempenhado os seus cargos sempre com pontualidade, competência e zelo. Dotado de um carácter afável, grangeava sempre simpatias na execução das suas missões.

Todos os que trabalham no «Sempre Pronto» apresentam condolências sentidas a sua família, particularmente ao seu genro, o nosso estimado amigo sr. eng. Jorge Pereira Jardim e sua filha sr.ª D. Maria Teresa Monteiro de Sousa Pereira Jardim.

Coronel Bento Esteves Roma

Em 23 de Dezembro passado, na sua residência onde se encontrava doente já há três meses, faleceu este nosso estimado amigo, figura de grande relevo nos meios militares e coloniais do nosso país.

O coronel Bento Roma, que era uma das figuras mais prestigiosas do nosso exército, nasceu em Chaves em 2 de Janeiro de 1884, frequentou a Universidade de Coimbra, as escolas politécnicas de Lisboa e Porto, e entrou na Escola do Exército em 1906, seguindo o curso de infantaria.

Foi para Angola em 1912, onde desempenhou diversos cargos públicos, tendo feito parte da famosa coluna do general Pereira de Eça, na campanha do Sul de Angola, onde demonstrou o seu valor militar, conseguindo conduzir, através da selva cheia de pretos sublevados, um comboio de camiões que foi reabastecer o quadrado de Môngua, já exausto de forças e à míngua de abastecimentos.

Em 1916 partiu para França onde prestou relevantes serviços. Marchou depois para a frente de combate onde o seu valor se revelou uma vez mais. No combate de 9 de Abril de 1918, no reduto de La Couture, cobriu-se de glória oferecendo uma resistência indomável aos alemães, estimulando os soldados, expondo-se deliberadamente às balas, só se rendendo a sua pequena força quando as munições se esgotaram e o avanço alemão já ia longe e era, portanto, inútil a resistência.

Feito prisioneiro, suportou com estoicismo as privações do cativeiro. Depois do armistício, os alemães autorizaram os prisioneiros a sair do campo para passeio mediante a «palavra de honra» de que não fugiriam. Apesar destas facilidades lhe facultarem a possibilidade de adquirir algum alimento que escasseava no campo confrangedoramente, Bento Roma, para não ter que dar a «palavra de honra» ao inimigo, nunca aproveitou tal regalia.

Em face do seu heroísmo, foi o oficial português escolhido para comandar a força que representou o Exército Português no desfile da Vitória sob o Arco do Triunfo e depois na Bélgica.

Em 1920 foi de novo para Angola onde desempenhou diversos cargos oficiais. Regressou ao Continente e de 1933 a 1938 e foi subdirector do Instituto de Odivelas.

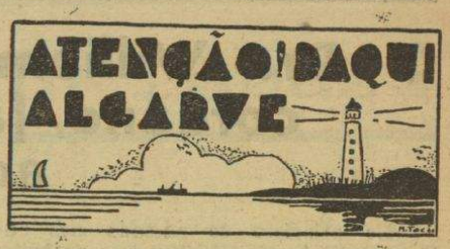
Retirado da vida pública, mantinha sempre o mesmo interesse pelos assuntos dos nossos territórios ultramarinos, particularmente a Angola, e recebia sempre com carinho os seus antigos companheiros de armas e as suas antigas educandas de Odivelas.

Tinha pelo Movimento Escoteiro o maior apreço, era sócio da Associação dos Escoteiros de Portugal e leitor assíduo do «Sempre Pronto», que procurava animar com palavras amigas.

Possuía muitas condecorações nacionais e estrangeiras, entre as quais se destacam: comenda da Torre e Espada; grande oficialato da Ordem do Império Colonial; medalha de ouro de comportamento exemplar; Cruzes de Guerra; Legião de Honra; «Militar Cross»; medalha de prata de Valor Militar, com palma dourada; comenda da Ordem de Avis; medalha de ouro de Serviços Distintos ou Relevantes no Ultramar, etc., etc..

Era cidadão honorário de La Couture e de Arrás, sendo muito estimado em França onde o seu heroísmo era recordado.

«Sempre Pronto» apresenta condolências muito sentidas à sua viúva e filha, sr.ª D. Belmira Castanheira de Moura Roma e D. Maria Manuela de Figueiredo Roma.



Grupo n.º 6 — Olhão

Divisão Caminheira — Foi organizada neste Grupo esta Divisão, pois alguns dos escoteiros já tinham atingido a idade apropriada.

Ao clã foi dado o nome do corajoso e abnegado olhanense Patrão Joaquim Lopes e o lema escolhido foi «Abnegação».

Todos os Caminheiros têm cargos dentro do Grupo, como seja: na biblioteca, secretaria, arrecadação do material do Grupo, instrução das patrulhas juniores, etc.. Além disso, os Caminheiros procurarão organizar jogos de campo para os lobitos e escoteiros mais novos, efectuar acampamentos com outros Grupos e promover palestras escotistas.

Os escoteiros desta Divisão que ainda não possuem a 1.ª classe, prometeram tirar estas provas dentro do mais curto prazo, a fim de que no dia de São Jorge recebam a respectiva insígnia.

Grupo n.º 60 — Vila Real de Sto. António

Como foi descrito no nosso último número pelo nosso Correspondente de Olhão, realizou-se em 29 de Novembro passado a festa do Compromisso de Honra dos novos aspirantes do «60», a culminar um Verão e um Outono plenos de sã actividade escotista, no campo e na praia.

Por demora na obtenção de artigos de uniforme, só naquela data a festa pôde efectuar-se. O entusiasmo e boa vontade supriram, porém, a falta de um dia de mais Sol, tudo resultando numa bela jornada de propaganda do nosso movimento. Alguns rapazes do «77» de Faro e a quase totalidade do efectivo do «6» de Olhão, com os aspirantes e os escoteiros do «60», marcaram boa presença em Vila Real de Santo António, quer desfilando garbosamente pelas principais ruas, quer exibindo, na sessão realizada mais tarde, um pouco do muito e do útil que se aprende no contacto com o Escotismo.

* * *

A taça «A. E. P.», pequeno trofeu destinado a galardoar a patrulha que em iniciativas, actividades e presenças mais se distinga, foi recebida pela «Popa», na noite de 31 de Dezembro findo, em que se reatou no Grupo, a comemoração tradicional da passagem do ano. Àquela patrulha e às duas que na classificação se lhe seguiram, a «Águia» e a «Lobo», foram entregues fitas evocativas, para colocação nos galhardetes.

Devidamente uniformizados, todos os escoteiros ouviram uma curta prédica sobre o significado da reunião que se efectuava. Depois da recepção dos prémios, foi servido chá, «fritos» e doces aos presentes que, satisfeitos, foram para suas casas, após confraternizarem nos primeiros momentos do novo ano. — C.

XILAMON

Assegura à madeira uma PROTECÇÃO TOTAL contra os fungos e insectos

Existe em qualidades curativas e preventivas

XILAMON

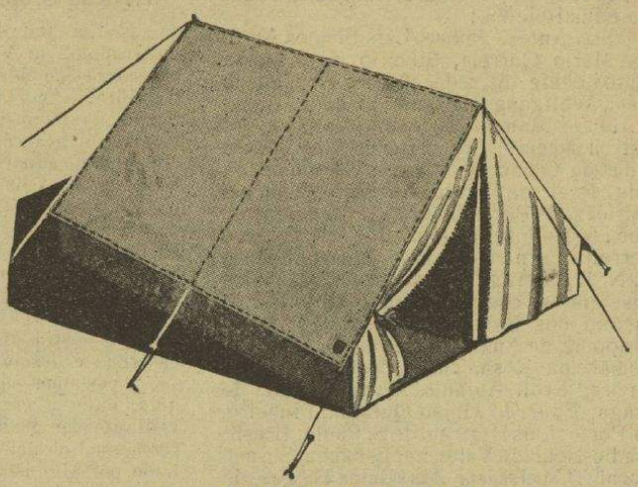
- CONSENTE A PINTURA ULTERIOR
- NÃO REPASSA O ESTUQUE
- É PRÁTICO E ECONÓMICO

Peça informações e amostras à

SOMIPA—R. Fialho de Almeida, 3, 3.º E.

Telef. 51512—LISBOA

MATERIAL MODERNO PARA ACAMPAMENTO



A «TECNICAMPO»

casa especializada em tudo para campismo, apresenta-vos sempre o maior sortido em:

Tendas de todos os modelos, Sacos alpinos com armação, Mochilas, Sacos de dormir, Bornais, Bolsas, Facas de mato, Cantinas, Cantis, etc., etc.

Antes de adquirir material consulte sempre a

TECNICAMPO, L.DA

R. da Conceição, 13-1.º—Telef. 21917 — LISBOA

(Desconto de 10 % aos Escoteiros)

O REMÉDIO ESTÁ AO VOSSO ALCANCE



USE LAMPADAS LUMIAR

MELHOR LUZ MENOR CONSUMO

Um produto cáustico queima como lume

o famoso

SHAMPOO CASULO

é isento de qualquer causticidade

Não contém também potassa, nem amónia nem sabão oxigenado. Além disso, dissolve caspa e seborreia.



Não há outro Shampoo igual, evita a queda do cabelo e as cabeleiras tornam-se mais fortes, espessas e onduladas. Há este mesmo Shampoo em creme e em líquido, que são só mais práticos, mas o que se anuncia, hoje, em pó, para a lavagem dupla dos cabelos, é o mais completo de todos.

Depois da lavagem com o *Shampoo-Casulo* para fixar os cabelos, visto que ficam desengordurados e soltos, empregar a «Brilhantina-Composta Nutritiva Casulo» (sem vaselina) ou o «Creme Fixador Casulo Nutritivo Vitaminado» (sem gomas).

O *Shampoo-Casulo*, em pó, custa 5$00 e 4$00 cada carteira, respectivamente para Senhora e para Homem. — Em creme, tubo 9$00 e, em líquido, frasco de 1 kg. 60$00.

À venda nas melhores Perfumarias e Drogarias do País.

Cumprimentos ao "Sempre Pronto"

Tiveram a gentileza de nos endereçar o seu cartão de Boas-Festas e votos para o Ano Novo, os seguintes amigos, assinantes e instituições:

Srs. Antero Nobre, Luís Simões Aurélio, Mário Correia, Silvério de Almeida Pinto, chefe de redacção de «A Flor de Lis»; Wolfgang Karl, de Lisboa; Aníbal Horta e Manuel Ferreira Valério, do Entroncamento; Francisco do Nascimento Pina, de Olhão; A. Vicente Campinas, de Vila Real de Santo António; François Baradez, de Paris; Vítor de Lima e Santos, Comissário Internacional do C. N. E., José Ferreira Fernandes, chefe do Grupo 90 do C. N. E., S. Miguel das Aves; Vidal Vieira dos Santos, chefe do Grupo 15 do Porto; Jacinto dos Reis Moniz Silva, chefe do Grupo 52, de Angra do Heroísmo; Armando Romão da Rosa, chefe do Grupo 59, de Tavira; Prof. António Álvaro Dória, de Braga; Eduardo Guião Quintino Pinheiro, do Porto; Luís Bertran, de S. Paulo, Brasil; Emilio Beut, de Valência, Espanha; Susane Cornil, Comissária das Guias Belgas, de Uccle, Bélgica; Luiz Pezoa Gusman, Santiago do Chile; Juan Antonio Stefani Salas, chefe nacional da «Union de Exploradores Venezolanos», de Caracas, Venezuela; Esteban Martinez, de Valência, Espanha; José Magallón e Enrique Genovés, de Madrid; Rev. João Pacheco dos Santos, das Bermudas; Rev. Padre José Raúl Porto, de Montevideu, Uruguai. Do Clube Alpino Escoteiro, do Chalé Internacional Escoteiro e de H. Wursten, de Kandersteg, Suíça. Do Escoteiro-chefe Nacional dos Escoteiros das Filipinas e de Mrs. Ezequiel Villacorta, de Manila, Filipinas.

Da Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal, do Corpo Nacional de Escutas, da União dos Escoteiros do Brasil, do Grupo de Guias de Portugal «Rainha D. Leonor», da Divisão Auxiliar Feminina, de Olhão; do Grupo n.º 90 e Alcateia n.º 53 do C. N. E., de S. Miguel das Aves; e dos Grupos n.os 2, 5, 7, 10, 85, 94 e sua patrulha Águia, de Lisboa; 6 e sua patrulha Galo, de Olhão; 33 de Leiria; 52 de Angra do Heroísmo; 84 do Entroncamento e 93 de Sintra. Da Companhia de Seguros Tranquilidade.

A todos estes nossos amigos, agradecemos e retribuímos os votos expressos.

I CONCURSO ESCOTISTA DE FOTOGRAFIA

Na sede do Grupo n.º 53, foi inaugurada no dia 4 do corrente, a Exposição das Fotografias do nosso concurso, na presença de muitos amigos do nosso jornal e concorrentes. O presidente do júri, mestre Narciso Morais, procedeu à abertura dos sobrescritos lacrados, sendo proclamados os seguintes vencedores:

Paisagem — 1.º prémio: Sr. João Luís Pereira Guedes, Guimarães. 2.º prémio: Sr. Raúl dos Santos Cabrita, Lisboa. 3.º prémio: Sr. Rui Barata Monteiro, Lisboa. 4.º prémio: Sr. João Luís Pereira Guedes. 5.º prémio: D. Maria Manuela Macedo, Lisboa. 6.º prémio: D. Benilde Ribeiro, Lisboa. Menção Honrosa: Sr. Francisco Figueiredo de Macedo, Lisboa.

Técnica Escotista — 1.º prémio: José Pena Ribeiro, Lisboa.

Motivo Escotista — 1.º, 3.º e 4.º prémios: João Soares Ávila, Angra do Heroísmo. 2.º prémio: D. Júlia Gomes Pena Ribeiro. Lisboa.

A exposição esteve patente ao público durante cinco dias. Os prémios, ofertas de J. C. Alvarez, L.da, Selecção Fotográfica, L.da, Instanta, L.da, Agência Fotográfica, L.da, Fotocolor, L.da e Roiz, L.da, foram entregues aos premiados que receberam uma salva de palmas.

Mais uma vez desejamos salientar a colaboração que nos foi dispensada pelos Antigos Escoteiros, sempre prontos a ajudar as obras de real interesse educativo.

DE ANGRA DO HEROÍSMO

GRUPO N.º 52

Visita ao Grupo Americano das Lajes

No dia 20 de Dezembro, os componentes do Grupo 52 da A. E. P., deslocaram-se em autocarro ao aeroporto das Lajes, na Ilha Terceira, a cerca de 20 quilómetros de Angra do Heroísmo, em visita de confraternização aos seus irmãos do Grupo, funcionando no aquartelamento Americano existente na nossa Base Aérea N.º 4.

Os visitantes foram recebidos no salão do «Youth Center» onde os aguardavam os componentes do «Ist. Lajes Troop» da «Boy Scouts of America», actualmente chefiado pelo sargento Everett S. Brown, que há pouco tempo foi empossado no seu cargo, e que se mostra animado do melhor espírito escotista e desejo de confraternização.

Após uma curta reunião, bastante singela, dado o carácter da visita e em que visitantes e visitados ratificaram a sua promessa, foi pelo Chefe Americano, auxiliado por alguns pais dos rapazes, oferecida uma merenda a todos os presentes, composta dum serviço volante de sandes, frutas secas e doces, terminando com o típico *ice-cream* e um lindo bolo coberto, com votos de boas festas, em português e em inglês.

Realizaram-se diversos jogos de sala e, mais tarde, mais jogos em campo, depois do que se voltou ao salão, onde os escoteiros americanos apresentaram algumas brincadeiras (pantominas) e números musicais. No final, alguns rapazes do 52 apresentaram também algumas imitações típicas, que foram muito apreciadas.

Pelas 17 horas os visitantes retiraram, depois duma bela tarde passada em franca confraternização, que deixou as melhores impressões em todos.

Boa Acção Colectiva do Natal

Apenas com o seu esforço próprio, os rapazes do 52, a exemplo do que fizeram no ano passado, realizaram a sua Boa Acção do Natal, contemplando desta vez 32 crianças necessitadas, com artigos de vestuário, de higiene, brinquedos e guloseimas. A distribuição foi domiciliária, feita de automóvel, e realizou-se na manhã do dia de Natal.

Mais tarde, o Chefe do Grupo, ofereceu uma lembrança a todos os Escoteiros do 52, acompanhada duma curta mensagem do Natal. — C.

Um pedido do Grupo n.º 85

Ao Grupo n.º 85, Escoteiros Marítimos, foi oferecido pela Brigada Naval um barco com um motor a gasolina. O motor, porém, embora não lhe falte qualquer peça essencial ao seu funcionamento, não vem em condições de trabalhar. Este Grupo pede-nos que em seu nome lancemos um apelo a qualquer «escoteiro de boa vontade», que conheça de mecânica e esteja disposto a ajudar na reparação do motor referido, a oferecer os seus serviços, podendo fazer o favor de se dirigir à sua sede na Doca de Belém.

ANTIGOS ESCOTEIROS

Prof. Dr. Marcelo Caetano

O «Diário do Governo» publicou em 16 do corrente um decreto que condecora o sr. prof. dr. Marcelo José das Neves Alves Caetano, professor catedrático da Faculdade de Direito de Lisboa, com o grau da Grã-Cruz da Ordem do Império Colonial.

«Sempre Pronto» envia o seu cartão de felicitações ao ilustre antigo-escoteiro, cuja figura prestigiosa honra o Movimento de que foi dedicado dirigente.

À BEIRA DE UMA CABANA...

Noticiaram os diários, há poucos dias, o seguinte caso:

Franca, uma jovem de 13 anos de idade, que vive em Borgone, próximo da fronteira ítalo-francesa, pedira muitas vezes a seu pai para lhe falar no expresso — o famoso «comboio azul» de Roma a Paris — que todas as noites passava velozmente próximo da sua cabana.

De brincadeira, seu pai sugeriu que elaescrevesse ao ministro dos Transportes, Bernardo Matuvela. «Talvez ele mande parar o comboio para tu veres», disse-lhe o pai.

Franca fez isso mesmo e na última noite do ano o comboio parou junto da sua cabana. Um homem desceu dele e entregou a Franca um embrulho — um presente do «sr. ministro».

Franca visitou o comboio e recebeu chocolates e desejos de um Novo Ano feliz dos passageiros, divertidos com o caso, antes do expresso continuar a sua viagem, na escuridão.

Se os homens moderassem de vez em quando as marchas velozes dos seus expressos e dispensassem alguma atenção aos que vivem nas cabanas de todo o Mundo, talvez que à vista das realidades sofreassem também as suas ambições de mais, mais, sempre mais, — mas mais num ritmo exagerado, louco, numa correria que leva ao abismo... Talvez que a felicidade fosse menos fictícia e as desigualdades menos chocantes...

Mas os monstros não param... e a vida é como uma máquina lançada a toda a velocidade na noite dos séculos, uma cavalgada louca para o desconhecido... E ai dos que se atrasam!

DA «GAZETA DO SUL»

Comemorações do Natal

GRUPO N.º 94

A Boa Acção do Natal deste Grupo é já uma tradição no bairro da Ajuda. Nesta época do ano, a pequenada pobre do bairro sabe que os escoteiros do 94 não a esquecem e lhe reservam sempre alguma lembrança. Este ano houve uma graciosa festa do Natal, que se realizou no Domingo, dia 27, com a visita do velho Pai Natal que presenteou a pequenada com brinquedos, bolos, doces, frutas, roupas, alpargatas, etc.

Foi uma festa agradável que reteve a petizada entusiasmada uma tarde inteira.

Grupo de Guias «Raínha D. Leonor»

Este Grupo de Guias de Portugal, com sede na Igreja Presbiteriana da Rua de S. Bento, realizou no dia 27, Domingo, a sua primeira Boa Acção do Natal, oferecendo um bom almoço a mais de 30 criancinhas pobres, que puderam assim ter um dia de festa, num ambiente terno e acolhedor.

A ementa preparada com muito primor, constou de canja, peru corado e batatas fritas, pão, tangerinas, nozes e bolos.

O almoço foi servido pelas Guias com a colaboração de dois Caminheiros do Grupo 10, tendo assistido a Presidente do Grupo, Sr.a D. Aida Conceição; os Pastores Rev.os Dr. Manuel Conceição Jr. e Carlos Augusto Vasconcelos, bem como algumas senhoras amigas do Grupo.